
Feminilidade e branquitude: Uma análise da tendência “tradwife” no tiktok¹

Nealla Valentim MACHADO²
Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

RESUMO

Com inspiração em uma ideia idílica de uma classe média suburbana norte-americana dos anos 1950, baseada em papéis rígidos de gênero, as *tradwife*, abreviação para “*traditional wife*”, são uma tendência nas redes sociais. Mulheres (principalmente mais jovens) exaltam uma vida (editada) inteiramente dedicada aos trabalhos domésticos e à criação dos filhos, além da ideia de casamento baseada em submissão ao marido (componente religioso). Nesse trabalho analisamos a *trend tradwife* na rede de vídeos rápidos *tiktok*. Queremos entender como as categorias branquitude e feminilidade são parte fundamental desse processo cultural midiático. A partir de uma perspectiva interseccional, queremos compreender como essas mulheres utilizam das redes sociais para mercantilizar interpretações tradicionais e heteronormativas da feminilidade, com uma estética atrativa, para difundir ideologias conservadoras e de extrema-direita.

PALAVRAS-CHAVE: Tradwife, Branquitude, Interseccionalidade, Tiktok

BELA, RECATADA E “DO LAR”

Em 18 de abril de 2016 a revista *Veja*³ libera uma entrevista com a então quase primeira-dama, Marcela Temer. Ela, que é 43 anos mais jovem que o marido, Michel Temer, aparece sorrindo, branca, com seus belos cabelos loiros, uma maquiagem leve e um chale cobrindo os braços. Nessa profética entrevista, é revelado ao público que Marcela Temer foi miss no interior de São Paulo, representando os municípios de Campinas e Paulínia; que se casou com Michel Temer com 20 anos, e que é uma “primeira-dama do lar”: Dedicada aos cuidados com o filho, o marido e a beleza “mas sempre foi recatada”. É dessa entrevista que temos essa fatídica chamada: bela, recatada e “do lar”. Uma frase que parece definir todo um movimento cultural que cresce nas redes sociais e ganha espaço, principalmente com mulheres e meninas jovens, conservadoras e religiosas.

Joan Scott (1995) é uma referência ao questionar gênero como uma categoria de análise, explorando seus aspectos históricos e as diversas concepções presentes na

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder (PPGCOM) e do departamento de Comunicação (UFMT), doutora em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO), e-mail: nealla.machado@ufmt.br

³ Acesso em 28/06/2024. <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar>

história e nas ciências sociais. A autora define a categoria gênero enquanto uma categoria relacional, que é presente no campo das relações simbólicas, mas que também é afetada pelas estruturas sociais e relações de poder. A construção social molda cotidianamente os comportamentos dos indivíduos em termos dos papéis de gênero. Dessa forma, este presente resumo se propõe a analisar a tendência (*trend*⁴) da “esposa troféu” ou *tradwife*, na rede de vídeos rápidos *tiktok*. Queremos entender como as categorias branquitude e feminilidade fazem parte desse processo cultural midiático. Tendo em vista que, a performatividade de gêneros (Butler, 2014) se manifesta de novas maneiras nas interações digitais, especialmente através do uso crescente de imagens e vídeos.

Uma das principais ideias da "segunda onda" feminista é encapsulada na frase "o pessoal é político" (Piscitelli, 2009). Essa bandeira de luta visava destacar questões que ocorriam no âmbito íntimo, privado e familiar, como violência doméstica e abuso sexual, chamando a atenção da sociedade para esses temas. A partir dessa premissa, os movimentos feministas no Ocidente começaram a reconhecer os problemas do âmbito “privado” como questões políticas, uma vez que todas as interações envolvem dinâmicas de poder, independentemente de sua conexão com a esfera pública. Atualmente, percebemos, nos ambientes online contemporâneos, que mulheres de tendências conservadoras (religiosas e de direita) estão, cada vez mais, a tornar públicas as suas vidas privadas, assumindo posições de influência e visibilidade significativas nas redes sociais.

Cida Bento (2022), uma das referências em estudos de branquitude no Brasil, afirma que, em sua essência, a branquitude é definida por uma série de práticas culturais que não são percebidas enquanto práticas culturais, não são marcadas. Ou seja, a ocultação e o silêncio são as principais características desse processo estabelecido. A autora também afirma que é necessário ressaltar que esse posicionamento ocasiona vantagens estruturais de privilégios raciais. Segundo Bento (2022), existe um lugar simbólico socialmente construído para o grupo branco, onde os brancos buscam, exercitam e aproveitam dos privilégios da dominação racial e da branquitude. E esses privilégios, obviamente, se estendem também para as mulheres.

⁴ A palavra "trend" é o inglês para "tendência", que pode ser definido como algo que está em alta na internet, uma corrente virtual repetida por diversas pessoas e empresas nas redes sociais. Algo que ganha bastante popularidade e chama a atenção por surgir em inúmeras conversas e postagens.

Evidentemente, nem todas as pessoas brancas tiram proveito da branquitude do mesmo modo, por isso uma observação interseccional (Collins, Bilge, 2012) se faz necessária. Mas podemos afirmar que, observando conteúdos de redes sociais, muitas vezes, mulheres brancas usam esses espaços para promover uma “feminilidade tradicional”, com partes de ideologia conservadora e estética atrativa. Ou seja, por trás de um conteúdo supostamente “inofensivo”, como uma mulher usando roupas “modestas”, cozinhando para o marido e para os filhos, ou pregando uma vida mais “saudável” onde tudo é feito à mão; na realidade estão sendo transmitidos uma série de valores que relacionam a branquitude (Bento, 2022) a ideologias conservadoras.

Notoriamente conhecido que o machismo e o sexismo existem, são abordados e estudados e trazem uma série de violências e prejuízos sociais ao longo de muitas décadas para as mulheres no mundo todo. Judith Butler (2014) critica profundamente as categorias binárias de gênero, negando a fixidez e a essencialidade da identidade de gênero, enquanto questiona a existência de um sujeito feminista universal. Rejeitando explicações biológicas que buscam fundamentar diferenças com base nos padrões sexuais masculino e feminino, reconhecendo que tais diferenças são construídas por processos complexos ao longo da história (Butler, 2014). Entretanto é necessário destacar que o movimento feminista se tornou plural e entende que diferentes mulheres sofrem diferentes tipos de opressão, orientado principalmente pelo pensamento e pesquisas de feministas negras. Desta forma, a interseccionalidade (Collins, Bilge, 2012) é uma peça importante, para compreendermos como esses eixos, “gênero e branquitude” se relacionam nos processos de visibilidade, conservadorismo e estética nas redes sociais. “A interseccionalidade como forma de investigação crítica invoca um amplo sentido de usos de estruturas sociais para estudar uma variedade de fenômenos sociais” (p.53)

A rede escolhida para observar essa *trend* é o *TikTok*. Essa plataforma de rede social foi fundada em 2016 por *Zhang Yiming*, da **ByteDance**, na China, inicialmente conhecida como *Douyin*. Especializada em vídeos curtos o *TikTok* abriga uma ampla variedade de conteúdos. Lançado em apenas 200 dias, o serviço rapidamente alcançou mais de 100 milhões de usuários no primeiro ano e registra mais de 1 bilhão de visualizações diárias. Em 2021, ultrapassou 1 bilhão de usuários ativos globalmente, tornando-se o primeiro aplicativo não afiliado à *Meta* (dona do *Facebook* e *Instagram*) a superar 3 bilhões de downloads. Assim como o *YouTube*, o *TikTok* utiliza algoritmos de

inteligência artificial para personalizar o conteúdo conforme as preferências do usuário, organizando-o através de hashtags especializadas. Isso faz com que vídeos sejam direcionados para demografias específicas, criando “bolhas” de diferentes tipos de conteúdo. Queremos fazer uma análise interseccional do feed do TikTok, fazendo uma busca a partir dos termos *tradwife*, “*traditional wife*” e esposa troféu. Sabemos que essa é uma abordagem limitada, mas para esse primeiro esforço de pesquisa é significativo fazer um mapeamento dessa trend nessa rede.

O movimento *tradwife*, abreviação para “*traditional wife*” ou em português “esposa tradicional” tem um “marco”: a entrevista da influencer “*traditional wife*” Alena Kate Pettitt, para a BBC em 2020⁵. Entretanto, o “movimento” ganha destaque em diversas redes sociais, a partir de 2023. Com grande inspiração em uma ideia idílica da vida de uma classe média suburbana norte-americana dos anos 1950, percebemos uma onda de vídeos curtos em que mulheres (principalmente mais jovens) exaltam uma vida (editada) inteiramente dedicada aos trabalhos domésticos e à criação dos filhos, além da ideia de um casamento fundamentada em submissão ao marido (componente religioso) (Sykes, Hopner, 2024). Entretanto observamos que essas garotas e mulheres acabam por criar comunidades com ideologias conservadoras e de direita, e que elas utilizam as redes sociais para mercantilizar interpretações tradicionais e heteronormativas da feminilidade, com uma estética atrativa e difundindo ideologias conservadoras nos conteúdos difundidos nas redes sociais (Sykes, Hopner, 2024). Como influenciadoras nas redes sociais, as *tradwives* ampliam suas audiências, monetizando ideologias de direita e promovendo representações específicas de esposa e mãe.

De acordo com Cida Bento (2022) “um nacionalismo antidemocrático tem como base o supremacismo branco e o conservadorismo social e religioso” (p. 54). Essa é uma indicação direta, de que, os conteúdos de domesticidade (cuidados com a casa), beleza (modéstia e feminilidade) e família (submissão ao marido e cuidado com os filhos) relacionam os ideais conservadores e religiosos em embalagens bonitas e fáceis para o consumo em redes sociais, ou seja, a branquitude é um elemento de extrema importância para aglutinar esses valores religiosos, conservadores de extrema-direita.

Esse movimento também tem raízes profundamente neoliberais. Segundo Marie e Andrade (2019) a questão de gênero se torna central quando crises econômicas

⁵ Acesso em 28/06/2024: <https://www.newyorker.com/culture/persons-of-interest/the-rise-and-fall-of-the-trad-wife>

aparecem “uma vez que o novo conservadorismo tem como linha de frente a contestação das transformações dos papéis sociais de mulheres e homens e a censura ao debate de gênero nas escolas” (p. 166). Ou seja, essas mulheres brancas utilizam-se de seus privilégios sociais para aumentar o abismo econômico e social já existente, infiltrado o discurso de simples “esposas e donas de casa”. De acordo com Oksala (2019) a perspectiva neoliberal tem um foco demasiadamente grande no indivíduo, e esse cerne se faz presente também nas perspectivas feministas neoliberais. Para a autora, as mulheres vivem, no neoliberalismo, a ilusão da livre escolha, quando na realidade, suas opções estão baseadas em relações de poder altamente desiguais, que restringem suas possibilidades e funcionam para cristalizar uma subjetividade neoliberal.

“A crença de que as mulheres possuem controle completo de suas vidas, que a feminilidade tradicional é sua livre escolha, e que elas podem conseguir tudo aquilo que queiram, não apesar de, mas com ajuda dessa livre escolha, torna-as mas condescendentes com as técnicas normativas de gênero” (Oksala, 2019, p. 135)

Essas mulheres, através em vídeos em redes sociais, como no *TikTok*, trazem para nós, pesquisadores, questões importantes sobre relações de gênero, sexualidade, políticas públicas e sistemas políticos. Com o conteúdo desses vídeos podemos também tecer comentários sobre a autonomia e a agência que as mulheres têm (ou deixam de ter) na vida cotidiana e política. Assim, o compartilhamento desses conteúdos conservadores e imagens idílicas de uma “família de margarina” nas redes sociais, reafirma posicionamentos antifeministas e conceitos de identidade atrelados ao conservadorismo, buscando validação através de símbolos amplamente reconhecidos, como vestidos floridos, cabelos lisos e loiros, e aventais de cozinha, graças à sua disseminação pelos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Cida. **O Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- COLLINS, Patricia Hill e BILGE, Sirma, **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo. 2021.

MAIRE, Foutine e ANDRADE, Daniel P. Neoliberalismo, virada conservadora e a guerra contra mulheres. In: RAGO, Margareth; PELEGRINI, Mauricio (orgs.). **Neoliberalismo, Feminismos e Contracondutas: perspectivas foucaultianas**. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 161-174.

OKSALA, Johanna. O sujeito neoliberal do feminismo. In: RAGO, Margareth; PELEGRINI, Mauricio (orgs.). **Neoliberalismo, Feminismos e Contracondutas: perspectivas foucaultianas**. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 115-138.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque; SZWAKO, José (orgs.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis Editores, 2009.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SYKES, Sophia e HOPNER, Veronica. Tradwives: Right-Wing Social Media Influencers. In: **Journal of Contemporary Ethnography**. p. 1-35. 2024.